

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A CONFRARIA DO FUXICO: REVIVENDO O DIA 20 TODO MÊS

RAFAELA DIAS BARBOSA¹; TATIANI MÜLLER KOHLS²; DENISE MARCOS BUSSOLETTI³

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaellamm0@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tatianimuller@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Todo 20 é de Zumbi”, é a partir dessa ideia, de reviver a memória de Zumbi dos Palmares e a consciência negra todos os meses que a oficina “Confraria do Fuxico: Todo 20 é de Zumbi – Com a Griô Sirley Amaro”, se desenvolve.

A Confraria do Fuxico nasce em 2013, a partir de um texto poético do escritor uruguaio Eduardo Galeano: “Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papeizinhos, como quem lê a sorte de soslaio” (2013, p. 17). Assim, juntamente com a Dona Sirley, costureira aposentada de 79 anos, contadora de histórias que mantém em sua memória saberes e fazeres ancestrais, e mestra Griô¹ do movimento negro da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que o projeto se constrói.

A Confraria do Fuxico integra o programa “PET FRONTEIRAS: Saberes e Práticas Populares da Universidade Federal de Pelotas”. O PET Fronteiras, em sua forma de pensar e agir busca em seus projetos de ensino, pesquisa e extensão uma educação voltada à diversidade e a cultura. Ao se pensar na prática e saberes populares, busca-se a produção de conhecimento a partir das manifestações culturais e populares das comunidades urbanas da cidade de Pelotas, interagindo entre o conhecimento das comunidades populares e a universidade. E é pela importância da transmissão dos saberes pela oralidade e a arte de contar histórias que a Confraria do Fuxico nasce.

Nessa perspectiva, a oficina “Todo 20 é de Zumbi”, construída pelos integrantes do PET Fronteiras e juntamente com a Dona Sirley, leva as comunidades urbanas da cidade ações culturais e artísticas para reviver todos os meses a memória de Zumbi, trazendo a arte de contar histórias como um processo de educação e reflexão.

2. METODOLOGIA

Perpassando esse espaço entre a memória, a música e a cultura, a oficina “Todo 20 é de Zumbi” busca reviver todos os meses a memória de Zumbi dos Palmares, líder da resistência negra do Quilombo dos Palmares.

A primeira oficina foi realizada em maio, com um grupo de idosas no CETRES (Centro de Extensão e Atenção a Terceira Idade). Entramos cantando a música Kizomba, Festa da Raça de Martinho da Vila: “Valeu Zumbi; O grito forte dos Palmares; Que correu terras, céus e mares; Influenciando a Abolição”. Formamos um grande círculo, e depois dona Sirley, que conduz a oficina, pede

¹ Podemos compreender um mestre/mestra griô, segundo a tradição africana, como um contador de histórias, poeta ou músico, que através a oralidade conta suas histórias. O griô no contexto brasileiro pode ser qualquer cidadão identificado com a cultura popular. Dona Sirley recebeu o título de griô a partir da “Ação Griô Nacional”, que é uma das ações do “Programa Cultura Viva”, desenvolvido pelo Ministério da Cultura (MinC).

para que cada pessoa diga o nome e a profissão. Essas mulheres, a maioria já aposentadas, relembram suas trajetórias, suas histórias a partir da pergunta sobre a profissão. É através da memória, da música e da cultura afro, que a oficina ganha voz. Encerramos esse momento com o poema “Me Gritaram Negra, de Victoria Santa Cruz”, recitado por uma integrante do grupo PET Fronteiras.

A segunda oficina foi realizada em junho, na festa junina da Academia do Samba. Antes de começarmos a oficina, Dona Sirley veste a camiseta com a estampa de Zumbi, e as demais participantes podiam ser identificadas com um fuxico² preso na roupa, símbolo da costura e da Confraria do Fuxico. A percursionista toca o sopapo, instrumento criado no século XIX pelas mesmas mãos que faziam a carne de sal e que banhavam o arroio Pelotas com sangue animal. Tem-se o tambor como reconstituição da religião africana pelos escravos nas charqueadas, tocado após a matança num ritual de sacrifício. Possui um pouco mais de 1m de altura e 60cm de diâmetro, esculpido originalmente em tronco de árvore e feito com couro de boi. Até 1970 fez transparecer esse elo ancestral entre a cidade de Pelotas e a África, dando ritmo com seu grave absoluto para o carnaval da cidade.

“O tambor tá batendo; tá repinicando; são seus dançantes que o tambor tá chamando”, e assim, entramos cantando para a grande roda, na qual a maioria dos participantes são crianças. Dona Sirley nos ensina a próxima música: “Passa a peneira menina; menino vem peneirar; diga um verso com rima; quando a peneira parar”. E assim, passando a peneira que vamos brincando, cantando e relembrando versinhos de antigamente falados nas quadrilhas das festas juninas.

As próximas oficinas também serão realizadas no dia 20 de cada mês, buscando reviver a memória de Zumbi e trazer a reflexão sobre a consciência negra, procurando atentar para as particularidades de cada local da comunidade para onde a levamos, fazendo com que cada oficina se torne única em sua forma de execução.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideramos, a partir da perspectiva benjaminiana e através de Bussolletti e Pinheiro que se por um lado a arte de narrar foi se extinguindo com o tempo, por outro lado “a narrativa, que pode ser considerada como uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, entre o indivíduo e o grupo e o indivíduo e a tradição, foi desaparecendo ou foi sendo expulsa gradualmente da esfera do discurso vivo” (2011, p. 27).

Além do mais, é nessa arte de narrar, de contar histórias que pretendemos criar, através das atividades extensionistas descritas anteriormente, um espaço onde o espectador também seja um narrador, fazendo com que ele experiencie este espaço de intervenção e criação, enquanto um contador de histórias:

Foi assim, com base nos parangolés aliado ao teatro da memória que concebemos a proposta inicial do projeto dos “Contadores de Histórias”. Em síntese a intenção primeira era a da construção de um espaço em que o espectador fosse também um narrador, um contador de histórias e ao mesmo tempo fosse ele também a obra, ou a história, enquanto ação e intervenção criadora” (BUSSOLETTI; PINHEIRO, 2011, p. 33).

² O fuxico é uma técnica artesanal, que reaproveita os restos de tecidos para fazer pequenas trouxinhas de pano.

Desse modo, assumindo a proposta de rememorar no dia 20 de cada mês um pouco da história da resistência negra, partimos de um outro fio condutor temático, aliado a um fio musical. como por exemplo, o "trabalho, a infância, as lembranças carnavalescas ou das festas juninas". Nestas experiências interativas é que as histórias vão sendo contadas, sempre buscando a troca de conhecimentos e a possibilidade de fazer com que as lembranças sejam revividas e quando necessário resignificadas através da oralidade.

4. CONCLUSÕES

Ao refletirmos sobre esse trabalho acreditamos que a oralidade e os saberes populares fazem parte de um importante processo educativo que deve ser melhor explorado e compreendido pelos saberes acadêmicos atentando para a importância da valorização da diversidade e da cultura como fatores centrais da experiência do humano na contemporaneidade e na manutenção viva da memória e da arte de contar histórias .

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

BUSSOLETTI, D. M.; PINHEIRO, C. G. Histórias ainda possíveis: narrativas tecidas em rede. In: BUSSOLETTI, D. M.; CANAL, C. Y.; GUEVARA, A. E.; LANDÍN, D. M. (orgs). **Pluralismo nas Ciências Sociais**: da multiplicidade à diferença. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PINHEIRO, C. G.; BUSSOLETTI, D. M. Educação e resistência na prática das narrativas populares: a tradição griô. In: **IX Seminário ANPED SUL**, 2012, Caxias do Sul. Anais do IX Seminário ANPED SUL. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul - EDUCS, 2012. v. CD-ROM. p. 1-15.